

ENTREVISTA COM IRAY GALRÃO

Alda Britto da Motta

Josimara Delgado

Vanessa R. S. Cavalcanti

Iray Galrão, nascida no interior baiano (Ubaíra) é contista, foi professora no ensino básico, falante de Yorubá e criadora de inúmeras redes de apoio para comunidades e fomento à história e à literatura afro-brasileira. Ganhadora do Prêmio de Literatura da COPENE com o livro *O Anjinho Jojó* (1999), versando sobre pluralidade e igualdade racial, sua trajetória sempre esteve vinculada à literatura e aos estudos africanos. Como destaque, vale ressaltar o lançamento do livro *Lendas Africanas*, pela Kalango (2009) e *Lendas Indígenas* (2011). Esteve à frente da Casa do Benin como coordenadora de intercâmbio e foi professora de Religiões de Matriz Africana e de Lendas Africanas do curso de Especialização promovido pela Federação dos Trabalhadores Públicos do Estado da Bahia (FETRAB) e pela Associação Classista de Educação da Bahia (ACEB).

As memórias são povoadas de narrativas que mapeiam histórias de vidas. A integração entre ser, conhecer/produzir, conviver e fazer será abordada como eixo fundamental das experiências vividas de Iray Galrão. Para realizar a entrevista, as três investigadoras – Alda Britto da Motta (UFBA), Josimara Delgado (UFBA) e Vanessa R. S. Cavalcanti (UCSAL/UFBA) – além do registro fotográfico de Clarice Costa Pinheiro (NEIM) – enfatizam não só a trajetória pessoal e profissional, mas sobretudo a escolha por uma linguagem (a literária e a oralidade) como instrumentos fundamentais da produção e circulação de saberes.

Como roteiro inicial, algumas questões foram elaboradas no intuito de aproveitar a conexão com o eixo basilar do dossiê *Envelhecer no feminino*, percorrendo saberes e fazeres ao longo de quase 80 anos. O campo de atuação e militância sempre foi o da Educação, mas a escritura e escrita ganharam forma e força, criando inclusive redes intergeracionais potentes. Atualmente, tem como projeto a “costura” (ilustração feita com tecidos e linhas) do próximo livro dedicado ao geógrafo baiano Teodoro Sampaio.

Como proposta metodológica, a escolha foi sobre história de vida de abordagem tópica, ressaltando menos a linearidade e os contextos de caráter privado e dando maior destaque à potência e ao uso de tintas, costuras e contação de histórias como instrumentos de luta, de educação e de transformações.

Feminismos: Contar histórias não é uma maneira de “envelhecer”, compartilhando experiências e promovendo diálogos com outras gerações?

IG: Nasci no interior da Bahia. Vim de uma família com prole grande, 12 irmãos. Tenho uma linhagem paterna de americanos e materna de índios. Sei bem o que é diversidade. Descobri a minha fé, embalada pelos sons dos tambores. Sou ekedi no candomblé. Tenho uma obrigação há mais de trinta anos. Sempre ouvi os sons dos tambores das religiões de matriz africana. Devemos muito a essas raízes. Tudo isso compõe minha própria história e formação. Sou guardadora e contadora de Histórias. Professora desde cedo, o que mais gosto, também aprendi sobre respeito, especialmente pelas pessoas mais velhas, mais experientes.

Na minha profissão e nas experiências vividas, o processo de envelhecimento traz a ideia de que só o espelho diz isso. Só lembro disso quando me vejo no espelho. Tenho a idade que acho que tenho. Mas quando conto histórias, quando estou com as crianças, me sinto sempre revigorada. Sou uma jovem idosa. Não gosto de ficar sozinha e, como fui criada com muitos irmãos, primos e uma comunidade imensa, gosto de companhia. Não gosto de ficar sozinha. Acho que esse é um dos dramas de envelhecer: a solidão. Os medos podem ser muitos e isso pode impor uma solidão, um ficar cada vez mais só.



Feminismos: A arte de envelhecer é cheia de caminhos. Quais os lugares e as principais referências como mulher, educadora, estudiosa de africanidades e intergeracionalidades?

IG: Sempre fui hiperativa e nada na vida é por acaso. Fui trabalhando – até com pessoas presas – e a confiança vai ganhando aos poucos. Nas ruas, antes de chegar na Casa do Benin, ia conhecendo e cumprimentando todos que via no Pelourinho. Envelhecer é experimentar também lugares, bairros, lugares. Eu aprendi que não podemos julgar. Cada pessoa tem uma história e algumas tem determinações que mexem com tudo. Tinham muitas crianças vivendo nas ruas, usuários de drogas. Observar é um dos instrumentos mais importantes. Às vezes, a arte de juntar gente boa também não é fácil. Ouvir também é outra opção. Lembro de Ernesto, menino que vivia no

Pelourinho que foi cuidado por mim e que anos depois me chamou na rua e disse que ia fazer faculdade de Direito. Das ruas à faculdade. Muitas outras crianças foram alfabetizadas ali mesmo, nas ruas do Pelô. A vida passa nas cidades e, se não olharmos, tudo passa rápido demais. Adotei muitas crianças e um estudante que veio para a Universidade (Mestrado e Doutorado, Instituto de Física). Fui responsável por Ibrahim que veio para estudar e queria se fixar aqui. Assinei os papéis de alguém que chegou do Benin e precisava estudar. O sonho era retornar ao Benin um dia para mudar sua região. Se não ouvirmos e cuidarmos das pessoas o que podem significar nossas relações?

Feminismos: Como é transitar entre a educação formal e a não-formal, buscando interfaces e conexões entre gênero, classe e raça/etnia, em uma produção especializada para o universo infanto-juvenil, mas ao mesmo tempo ocupando lugar em sua escrita através de memórias?

IG: Como sempre, trabalho em escolas, mas na contação de histórias, posso cruzar fronteiras. Quando me pergunta sobre raça, penso na vida de uma menina que escreveu para mim, depois de um tempo com uma turma. A menina negra que trabalhava em casa, que ia para escola com muita dificuldade, sonhava em ser poeta. Com aquela experiência, afirma que vai “seguir seus sonhos”. Também tenho a experiência dentro de casa. Tenho uma filha adotada e contava história de noite para explicar a diversidade e as “cores”. Daí, escrevi *O anjinho Jojó* (e conta a história, rimada e com todos os detalhes), narrando sobre como cada umas das raças, cabelos, olhos, peles podem ser diferentes. A ideia era fazer um volume único para entregar de presente para minha filha. A “boneca” foi lida por algumas pessoas e foi parar para premiação. Isso possibilitou a edição e a publicação de exemplares.

Feminismos: “Costurar” um livro é como fazer uma “colcha de retalhos”? No processo artesanal de mãos em movimento o que realmente significa “escrever histórias”? Poderia dizer que a arte da escrita e a “costura” de saberes são frutos de um movimento de mulheres?

IG: Primeiro, os livros nascem de ideias. Mas as mãos costuram também. Minha filha mesmo me incentivou a

“bordar” os livros e, como já mencionei, adoro contar em rimas, tudo combina. O visual fica pela fotografia dos bordados feitos – algo que aprendi com as costureiras e outras mulheres que fazendo e conversando, me ensinaram. O texto sai logo depois, compondo a história. Bordei *Bia*, *A Fada mimosa*, *Bolota* e agora, o do Teodoro Sampaio. Sou uma pessoa realizada, porque tenho oportunidade de contar histórias. E através delas combater o racismo, os estereótipos. Escolhi combater as violências, o racismo e as intolerâncias, especialmente religiosa pelos livros. Escolhi um caminho.



Feminismos: Das experiências sociais mais potentes, o contar “histórias”, valorizando identidades e complexidades, tem sido umas de suas atividades, especialmente frente ao público infanto-juvenil. Como tem sido esse diálogo?

IG: A partir das histórias pretendo quebrar com as violências, com o racismo. Criamos o coletivo para divulgar livros infanto-juvenis, valorizando nossa produção e buscando autonomia também. A mercantilização é pesada e, para autoras, às vezes é mais difícil. Criamos o CALLIB - Coletivo de Autoras de Literatura Infantil e Infanto-juvenil da Bahia. Como

esse coletivo acabamos nós mesmas divulgando e vendendo.

Feminismos: Apesar de termos relatos e registros tão frequentes sobre violência doméstico-familiar, sua ação foi importante quando de um caso ocorrido em Castelo Branco (de feminicídio e de invasão de contextos de extrema violência dentro do espaço escolar). Poderia comentar o episódio e qual estratégia usada para aproximação com jovens da escola?

IG: Lembro aqui ainda uma história importante. Várias situações de violências chegam nas escolas e pela literatura consigo chegar a sentimentos que ficam ali, guardados. Depois do assassinato na escola de Castelo Branco, Salvador, fui convidada para ir lá fazer uma dinâmica. Foi um fato que comoveu, pois, um homem entrou e matou sua companheira, com toda a comunidade presente, em pleno dia. O clima estava tenso. As professoras e as crianças ainda aterrorizadas. Havia uma dificuldade enorme de falar sobre morte. Não falamos sobre. Daí fiz o livro *A fada mimosa* e em situações parecidas, conta essa obra para começarmos a dinâmica. Falar sobre isso é encarmos a ideia da não presença, da tristeza. Com bichos, flores, personagens posso tocar na lembrança, nas emoções. Contar através do mágico pode ser mais educativo, chegar ao coração. Quantas vezes ouvi que as histórias de África são de “demônios” (orixás e caboclos). Por isso, aprendi yorubá e não francês, inglês. Queria entender o significado as palavras e tem cada encanto. Tem uma que vale a pena contar: terra e céu estavam no mesmo plano e não haviam fronteiras, principalmente crianças. Podiam circular. Mas, houve um conflito e Ojalá jogou seu cajado e dividiu as duas esferas – terra e céu. No entanto, criou-se um vazio e ele teve que soprar e criou a atmosfera.

Feminismos: De que maneiras as religiões de matriz africana trazem uma visão sobre o envelhecer ou a pessoa idosa? No livro *Lendas africanas* e *Lendas indígenas*, quais histórias trazem uma abordagem entrelaçada entre mulheres e envelhecimento?

IG: Trabalhava no Pelourinho e comecei a me interessar. Quando chegavam turistas, ninguém sabia sobre nossas origens, sobre escravidão vinda do Benin. Aprendi muito com o trabalho na Casa do Benin. Tantas histórias! Nigéria e Benin trazem inúmeras

histórias sobre maternidade, relações sociais e familiares, origens, formas de escravidão tão diferentes. Esses livros falam um pouco dessas traduções e registros, acompanhando também a Lei 10.639/03, que tornou obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana. Temos herança cultural e marcos importantes nessas travessias do Atlântico. Precisamos conhecer nossa História, do povo negro e dos índios. Ainda acho que a nossa injustiça maior foi com povos indígenas. O que sabemos? Meu nome é Iray. Significa água de mel e tem origem guarani. Nasci em Ubaíra (Canoa de Mel) e meu avô foi um apaixonado pela cultura indígena. O meu nome é comum e utilizado no sul do Brasil. A imagem sempre é de “preguiçoso” e que não queria trabalhar. Isso demonstra as intolerâncias históricas. A História depende de quem conta e escreve. Continuamos a contar somente história do “branco” e ainda temos hoje crianças que ficam de “costas” quando conto histórias africanas. Não estamos falando somente sobre religiões, mas sobre culturas. Ao invés de usar a televisão, nada como ouvir e contar histórias. Aprendi a ler com o Jornal *A Tarde*. Cheguei na escola já sabendo ler.

Feminismos: É tão múltipla e conta tantas histórias....

IG: Sou múltipla de ideias. Adoro pensar em viver de cantar, de contar histórias, de brincadeiras de rua. kGostava muito de “tirar verso”... (e cantarola). Hoje, as crianças não querem mais. Os versos introduziam um “mundo”. Aprendi a fazer bonecas de pano na infância e queria oferecer para vocês. As bonecas são negras (a exemplo de Jojó), de cabelos encaracolados. São índias e loiras. São de todas as cores. Aprendi quando estudei interna em colégio religioso e depois de um castigo daqueles: meses aprendendo a bordar, costurar. Provamos as hóstias feitas e guardadas em latas que estavam na capela. Usei tudo isso para contar e fazer as minhas histórias. As emoções e as reações podem ser educativas. Um exemplo disso é a história indígena da Vitória Régia. Recebo ainda desenhos e cartinhas. Cada tarde pode ser de contar e contar mais histórias. Um menino disse que eu sou uma Vitória Régia. Acho que um dia serei. Para cada pergunta, conto uma história. Envelhecer é não estar sozinha e escolhi o imaginário literário como ferramenta. A arte de envelhecer é a arte de contar histórias. As mulheres

são mais adaptáveis, maleáveis e os homens carregam as “marcas” dos machismos. As mulheres podem chorar, sorrir e se expressar. São solidárias nas suas práticas. Até nas dores somos solidárias. Ficaria outras tantas horas aqui, contando histórias.

Feminismos: Não é justamente isso que falta e precisamos? Ouvir umas às outras! Agradecimentos pela partilha, pelas experiências costuradas e narradas, pelos livros divididos. Cada um deles chega não só às avós, mães, mas especialmente filhas/filhos, crianças que ainda adoram ouvir e cantar.